

GILBERTO FREYRE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Elide Rugai Bastos*

RESUMO: O trabalho mostra um processo de **sistematização** das ciências sociais no Brasil, no decurso da década de 30, que ocorre independentemente da **formação** das **instituições** universitárias. Nesse contexto localiza Gilberto Freyre como representante do primeiro momento de **sistematização** da Sociologia. Aponta o autor como situado no ponto de inflexão do processo de **transição** de uma análise fundada em *pontos de vista sobre o social* para uma *análise sistemática sobre a sociedade*. Nesse quadro a obra gilbertiana é vista em duas fases importantes na **consolidação** da mesma: a dos anos 20 e aquela dos anos 30. Os trabalhos da primeira década apontam, simultaneamente, para dois pontos aparentemente contraditórios: de um lado, denunciam um crescente processo de falsa **modernização** em curso, que destrói as tradições nacionais; de outro, reclamam da **não-modernização** científica e institucional, meta que se **não** alcançada, impedirá ao Brasil afirmar-se como **Nação** do século XX. Os textos dos anos 30 voltam-se à **reinterpretação** do passado nacional, aosestudos sobre as questões racial e cultural.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Ciências Sociais, Cultura.

E lugar comum na análise sobre a sociologia no Brasil, apontar-se para o processo de institucionalização que ocorre na década de 30, representado principalmente pela:

- a) criação dos cursos universitários de ciências sociais - Escola de Sociologia e Política, Universidade de São Paulo, Universidade do Distrito Federal;
- b) criação da cadeira de Sociologia no curso secundário, resultado de nova política educacional;
- c) multiplicação das coleções de livros de debate sobre problemas brasileiros, principalmente publicados nas coleções Brasileira, Coleção Azul, Documentos Brasileiros;
- d) publicação de compêndios de sociologia, escritos principalmente por jovens escritores.

No entanto, parece-me que, ao lado desse amplo processo de /institucionalização, podemos detectar uma definitiva sistematização, que ocorre independentemente da for-

mação das instituições universitárias. Vários trabalhos examinando o pensamento autoritário da década de 20 lembram uma atitude presente no período; o realismo. Esta aspiração, visualizada como uma das panacéias para a resolução do problema nacional, aciona os mecanismos de recusa da uma visão "idealista" sobre a formação brasileira, e clama por um diagnóstico "verdadeiro", mesmo que doloroso, sobre o social.

Esse objetivo esbarra na exiguidade do instrumental analítico e na dispersão da reflexão sobre a sociedade, reflexão que em geral se centraliza na definição do papel do Estado e nas formas pelas quais este poderia organizar a sociedade.

A institucionalização das ciências sociais, via fundação dos cursos universitários em São Paulo e no Rio de Janeiro encaminha-se na direção de solução do último problema, enquanto alguns autores, entre os

* Departamento de Sociologia - IFCH-UNICAMP.

quais se destaca Gilberto Freyre, buscam metodologias para a percepção da formação nacional a partir de um novo patamar.

Antonio Candido", ao estudar a formação da literatura brasileira, reconhece a existência de dois períodos nesse processo formativo: o primeiro, quando a produção apresenta-se sem articulação interna, caracterizando-se com manifestação literária; o segundo, momento em que essa produção aparece organizada, emergindo como literatura sistematizada. Reconhece três elementos presentes no processo: a existência de temas comuns aos escritores; a presença de um público consumidor da produção; a emergência da língua como instrumento de comunicação, no caso a língua brasileira. Embora tais elementos possam aparecer isoladamente nos momentos anteriores, é característica do momento da sistematização a simultaneidade dos mesmos.

Parafraseando o autor, arrisco-me a dizer que a mesma "demarche" pode ser reconhecida na Sociologia brasileira.

Conhecemos vários escritores ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX - Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, Manuel Bonfim, Alberto Torres, para citar alguns - que se dedicaram a discutir as questões sociais. No entanto, as análises expressam antes pontos de vista e menos uma explicação sistemática que forneça um gabarito para a reflexão sobre os problemas sociais.

É apenas na década de 20 que surgem os primeiros autores a tentar uma sistematização do pensamento que permita a elaboração de um referencial analítico da problemática social. Oliveira Vianna é um deles. Todavia, é somente com Gilberto Freyre em sua obra de 30, especificamente Casa-Grande & Senzala, que ocorre a transição. Em outros

termos, esse trabalho representa um momento de passagem, o fechamento de um ciclo, quando a teoria social deixa de apresentar-se como manifestação dispersa e surge como um sistema: a Sociologia. Nesse sentido, é o último pensador de um período e o primeiro de uma nova etapa.

Ilustra essa transição o abandono do *discurso jurídico*, até então o instrumento explicativo da realidade, e a adoção do *discurso sociológico*, como código competente para dar conta do social. A metamorfose do *jurídico* ao *sociológico* é componente fundamental do processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil.

Voltando aos elementos da proposta sobre sistematização, vemos que em 30 podemos perceber a existência de temas comuns aos analistas, presentes desde a década anterior, que se voltam à questão da formação nacional no quadro da crise do pacto oligárquico. Retoma-se a análise da sociedade, na medida que já não são suficientes as reflexões sobre o Estado para dar conta do conjunto de problemas que estão postos. Trata-se de estabelecer a relação entre Estado e Sociedade. Para isso faz-se necessário um diagnóstico preciso sobre esta última. Em outros termos, duas questões se levantam como centrais: *que país é este?* e ainda, *quem é o povo brasileiro?*

As respostas são inúmeras e brilhantes os autores que as propõem: Vicente Licínio Cardoso, Gilberto Amado, Ronald de Carvalho, Oliveira Vianna, Paulo Prado, Mário de Andrade, para citar apenas alguns.

Reconhecemos em 30 a *ampliação do público* interessado nessa temática. Isso não se dá espontaneamente. Trata-se de uma proposta organizada, que já vem dos anos 20, sobre a política educacional, a qual se realiza na década de 30. Portanto, nesse momento há

urna difusão organizada da cultura via escolas e programas culturais patrocinados pelo Estado. Já se apontou para o fato de existir um "fervor cultural") no período, que consolidava alguns dos programas estatais.

No entanto, apesar da temática sobre a formação nacional estar presente nos anos 20, há um escasso instrumental analítico para dar conta das questões que se apresentam. Oliveira Vianna e Paulo Prado, que têm uma das obras mais orgânicas do período, se ressentem do problema. Recorrem à sociobiologia e/ou à bio-antropologia para o encaminhamento de suas reflexões. É com base nessa argumentação que se perguntam sobre a viabilidade do Brasil como Nação.

Novos Recursos Analíticos

Nesse quadro emerge a obra de Gilberto Freyre. Esta apresenta características diferentes se contrapusermos os textos escritos pelo autor nos anos 20 e aqueles dos anos 30. Os trabalhos da primeira década apontam, simultaneamente, para dois pontos aparentemente contraditórios: de um lado, denunciam um crescente processo de falsa modernização em curso, que destrói as tradições nacionais; de outro, reclamam sobre a não-modernização científica e institucional, meta que se não alcançada, impedirá ao Brasil afirmar-se como Nação do século XX. As obras dos anos 30 voltam-se à reinterpretação do passado nacional, aos estudos sobre as questões racial e cultural.

Pode-se apontar que, mais do que as transformações comuns ao período, e das quais Gilberto Freyre é tributário, uma das grandes mudanças trazidas por sua obra *reside no questionamento dos recursos disponíveis para a análise do social*. Em seus trabalhos escritos entre 33 e 39, Freyre busca tanto a construção de instrumentos analíticos no-

vos, como uma nova interpretação da história social brasileira. Este procedimento resulta em um grande salto em termos metodológicos, o que marcará profundamente a reflexão sobre o social no Brasil. Isto porque com o processo consolida-se o *discurso sociológico* na explicação do social.

Em outros termos, as obras posteriores que discutem os problemas sociais no país, aceitando ou não a interpretação gilbertiana, obrigatoriamente tornam Casa-Grande & Senzala como referencial, mesmo que seja para fundar a controvérsia.

Assim, creio não ser exagero afirmar que Gilberto Freyre representa o primeiro momento de sistematização da Sociologia no Brasil. Encontra-se no ponto de inflexão do processo de transição de uma análise fundada em *pontos de vista sobre o social*, para uma análise *sistemática sobre a sociedade*.

A situação deve-se a inúmeros fatores. É necessário lembrar que a organização de uma reflexão resulta de um processo cumulativo de pensamento. Os ensaístas dos anos 30 são devedores daqueles da década anterior. Há nestes uma maturação da reflexão sobre a formação nacional que permite um avanço na colocação da problemática: Nação, povo, raça, centralização política, relações Estado/Sociedade. Porém não é só: há uma mudança de temática que não gira apenas em torno da organicidade do Estado⁴, mas incorpora ao debate, de maneira central, a constituição da sociedade. Isso exige a busca de novo instrumental analítico que abre espaço ao discurso sociológico.

Nesse sentido, Gilberto Freyre encontra-se em situação privilegiada, pois vários fatores permitem que domine recursos de análise não disponíveis, naquele momento, aos intelectuais formados no Brasil. Estudou ciências sociais na Universidade de Colum-

bia, em momento de fervor do debate sobre as formações nacionais, discussão essa acionada pelos resultados sociais e políticos da primeira guerra mundial, entre os quais ressaltou a crise do liberalismo. Foi aluno de Boas⁵, cujo culturalismo colocava-se como oponente teórico à sociobiologia. Lia inglês quando no Brasil a língua à disposição da maior parte dos pesquisadores era o francês, o que lhe abre horizontes novos", Viajou pela Europa num momento em que os movimentos nacionalistas encontravam-se em ascensão. Beneficiou-se do fato de trabalhar com resultados do amplo debate no âmbito do pensamento social, tanto a nível nacional como internacional.

Mais **ainda**, no Brasil da década anterior uma série de mudanças de caráter econômico, político e social marcam a produção das idéias. Tais modificações expressam o processo de desgaste do pacto oligárquico: Estava ocorrendo a perda de terreno econômico e político dos setores tradicionais ligados à exportação de produtos agrícolas em favor de um setor do capital que se expressa através de investimentos industriais. O choque de interesses, pelo menos aparente, deixa espaço ao debate de novas idéias à busca de novas soluções. Propostas conservadoras estão ao lado de propostas liberais, surgindo um novo campo de discussão e novos parceiros ao diálogo. Assim os intelectuais são desafiados a novas reflexões *de certo modo independentes em relação ao Estado*.

Levando em consideração tal situação, para avaliar o papel desempenhado pela obra de Gilberto Freyre em relação ao pensamento da década de 30 é necessário lembrar sua localização em um momento político, social e cultural que lhe permitiu mobilizar instrumentos adequados à passagem de

uma etapa de meditação sobre o social a uma fase de explicação da sociedade.

A Temática Reorganizada

Em sua obra de 30, Gilberto Freyre, além da organização dos instrumentos analíticos confere uma sistematização à temática social dando nova articulação aos temas anteriormente discutidos:

- a) retoma a questão racial, mostrando a anti-cientificidade da interpretação racista;
- b) com ele a recusa ao mimetismo encontra uma explicação "científica";
- c) busca um afastamento das interpretações simplistas do evolucionismo, que relacionam estruturalmente determinismo biológico e determinismo geográfico;
- d) recusa a universalidade da noção de normalidade, fundamento daquelas explicações;
- e) propõe mudança na forma de percepção do real;
- f) inaugura uma interpretação que não aceita o papel de coesão representado pelo Estado como única forma de manutenção da unidade/ordem da sociedade.

Cabe perguntar: qual a temática privilegiada por Freyre? A *transição ao moderno* com dois elementos presentes ao processo: a *decadência* e a *sobrevivência*. Por isso elege como problemas fundamentais da sociedade brasileira os vários momentos dessa passagem: a busca das relações entre o regional e o nacional; questiona a centralização do poder; procura compreender as formas de transformação do escravo em trabalhador livre; segue os passos da transição da monarquia à república; tenta fixar as diferenças entre o século XIX e o XX; reflete sobre as perdas e a sobrevivência do tradicional face ao moderno; indaga sobre a separação e a articulação entre o agrário e o industrial; debate as semelhanças e a diversidade entre o rural e o urbano; e,

principalmente, esforça-se por encontrar a continuidade e os rompimentos entre o privado e o público. Nesse percurso, paulatinamente, mostra uma sociedade onde essa transição se opera sem rupturas, resultado de uma específica visão sobre o *conflito*. Em outros termos, Freyre busca mostrar uma ambigüidade estrutural presente na sociedade brasileira que lhe confere um traço que a torna totalmente diferente de outras sociedades. Esse traço, segundo ele, requer tratamento político diferenciado daquele dado às sociedades onde existe uma homogeneidade social e cultural.

a - Elementos da Análise

É bastante conhecida a tríade explicativa de Gilberto Freyre: o patriarcado; a interpenetração de etnias e culturas; o trópico. Estes elementos aparecem indissociados na análise, um encontrando sua explicação no cruzamento com os outros dois.

O resultado analítico dessa articulação é a proposta de três teses principais que servem de gabarito para a compreensão da formação brasileira, teses essas que são complementares entre si:

- a) aquela resultante da comprovação da ligação indissociável entre etnias e culturas: a democracia racial;
- b) a que resulta da análise das características tropicais da sociedade brasileira: o grau de modernidade a que podemos aspirar;
- c) a outra que é resultado das reflexões sobre o patriarcalismo: a afirmação da impossibilidade de seu alijamento na situação presente. Ou seja, se o patriarcado teve uma sabedoria na ordenação da sociedade pretérita superior à do Estado e à da Igreja tomando-se elemento sustentador da ordem social, na nova configuração política, que se delineia em 30, não pode ser colocado fora das forças

que ocupam o palco político.

Desse modo, as teses vão diretamente em confronto às teses liberais que se desenhavam em alguns grupos; por exemplo, as de Roberto Simonsen e mesmo as do PCB, se considerarmos aquelas de Octavio Brandão.

Recusando a idéia de "novos tempos que se prenunciam" destruindo toda a ordenação anterior, como o querem alguns autores, Gilberto Freyre, a partir do debate cruzado dos três elementos - patriarcado, etnias/culturas e trópico - procura **mostrar** que o "velho" penetra o "novo", plasmando-o de modo diferente. Se o "novo" sugere os rumos do Brasil em caminho à industrialização, urbanização, secularização, racionalização e universalização, o "velho", centrado no agrário, mostra a existência de uma ordem social que, se abafada em suas raízes, pode trazer uma ruptura no edifício social.

No novo bloco de poder que se estrutura em 30, não podemos reconhecer um setor social definindo-se como hegemônico; portanto, toma-se evidente uma conciliação entre forças com interesses diversos. Podemos reconhecer no movimento dois pesos: um tradicional, de origem agrária, cindido em várias frações; outro progressista, representado pelas classes médias e pela frágil burguesia industrial beneficiária das novas medidas que passam a ser tomadas pelo Estado. Isto é, não há um agente político claramente delineado, mas os interesses econômico-políticos estão **definidos**. Trata-se de um quadro geral que aponta para a necessidade de uma solução de compromisso.

A obra de Gilberto Freyre tem a ver com essa solução, embora possa não ter sido pensada explicitamente nessa direção. Duas são as vias de sua argumentação: mostra, de um lado, que há um modo de organizar o so-

cial que persiste, malgrado as mudanças políticas, associado à velha ordem e ao poder que lhe serve de substrato; de outro, coloca em novo patamar a discussão sobre o povo, apontando para o fato de existir uma argamassa cultural que o unifica, que garante a coexistência de elementos de diversa origem, até mesmo contraditórios entre si, mas cada um existindo sem anular o outro.

Esses elementos diferenciam o tradicionalismo anti-burguês de Gilberto Freyre do conservadorismo da década de 20, como por exemplo, o de Jackson de Figueiredo. Identificamos no primeiro uma influência de Maurras, que **funda** seu secularismo. No segundo, as idéias de De Maistre e de De Bonald, o levam a uma posição confessional. Nesse sentido, o tradicionalismo gilbertiano, tal como aparece em sua obra de 30, se atentarmos para sua função política, nada tem de ultrapassado, mesmo porque contribui para a construção de uma nova ordem, "malgré" seja ela uma ordem burguesa, para a decepção do próprio autor.

b - O Iberismo Como Fundamento Político

Discutindo o papel do português na formação nacional, Gilberto Freyre aponta para a situação híbrida desse **povo**, gente indefinida entre Europa e África⁷. Isso o leva a refletir sobre as conseqüências sociais e políticas da situação não tipicamente européia de Portugal e Espanha. E mais, sobre que marcas as mesmas trazem à sociedade brasileira. Na busca das raízes afirma a especificidade dessa formação dizendo:

"... nem essas origens nitidamente portuguesas ou hispânicas, nem suas raízes católico-latinas fizeram do Brasil simples e pura extensão da Europa (...). E isto pelo fato universalmente conhecido de que a Espanha e Portugal, embora convencionalmente estados europeus, não foram nunca ortodoxos em todas suas qualidades, ex-

penectas e condições de vida européias ou cristãs - antes, por muitos e importantes aspectos, parecendo um misto de Europa e África, de cristianismo e maometanismo"s.

Assim, apontar a especificidade da sociedade brasileira significa, primeiramente afirmar o *não europeísmo* da sociedade ibérica.

Do mesmo modo que alguns autores espanhóis, Freyre aponta para a península ibérica como ponto de transição entre Oriente e Ocidente, tese que lhe serve de suporte para demonstrar a outra transição Europa/América. A dupla gênese oriental/ocidental presente na península ibérica repete-se no Brasil respeitadas as características locais. Assim,

*"a experiência de bi-continentalismo étnico e cultural começada a séculos em Portugal tomou nova dimensão no Brasil: três raças e três culturas se fundem em condições que, de modo geral, são socialmente democráticas, ainda que até agora permitindo apenas um tipo ainda imperfeito de democracia social"*⁹.

As características resultantes desse encontro entre culturas tão diferenciadas entre si tomam-se o centro da argumentação freyreana sobre a ordem da sociedade. É isso que traça o caráter do povo, sendo que "as concepções e condições de vida dos espanhóis e portugueses não chegam nunca a um ponto de equilíbrio **sem** enorme conflito. Mas sempre o processo de fusão, de acomodação, de assimilação, mostrando-se com o poder maior." Por isso "por mais de um aspecto da sua vida social e cultural, revelam-se com a dupla personalidade do Dr. Jekyll-Mr. Hyde." Ainda é isto que leva os hispanos a serem

"não somente mais dramáticos, porém psicologicamente mais ricos e culturalmente mais complexos do que os povos sem aquela duplicidade de alma, que lhes desenvolve uma capacidade especial não apenas para suportar contradições mas para harmonizá-las,,1 .

Essa capacidade de harmonização de contrastes transfere-se à sociedade brasileira. Por esse motivo elementos que poderiam, nos países anglo-saxões, tornar-se fundamento de separações intransponíveis, no Brasil acabam por ganhar harmonização. Exemplo típico é o da relação senhores/escravos que se inverte de modo a permitir ao africano/escravo assumir o papel de civilizador na sociedade patriarcal, porque

"alguns dos milhões de negros importados para as plantações do Brasil vieram das regiões mais avançadas da cultura negro-africana. Isto explica porque houve escravos africanos do Brasil - homens de fé maometana e de instrução intelectual - que foram culturalmente superiores a alguns de seus senhores, brancos e católicos" 11.

A aceitação desse dado leva Gilberto Freyre a construir a tese do negro como civilizador na sociedade formada pelos portugueses, indígenas e africanos, afirmação defendida em Casa-Grande & Senzala.

Porém, o ponto mais marcante da reflexão é o que diz respeito à ausência, tanto entre hispanos como, por herança entre os brasileiros, de uma racionalidade tipicamente burguesa. Ao construir essa argumentação, Gilberto Freyre parte de um traço aparentemente ingênuo dos portugueses vindos ao Brasil: a rusticidade. Elemento muitas vezes desprezado pelos analistas, é indicativo, segundo o autor, da resistência à homogeneização burguesa o que abre amplo espectro à aceitação de inúmeras formas culturais dificilmente assimiláveis dentro do gabarito estrito da civilização, conforme vista pelas sociedades industriais.

"Desde o século XVI que os camponeses de Portugal vêm trazendo para o Brasil uma riqueza de lendas, de encantações, de cantigas, de literatura popular em verso e prosa, de artes populares; e através deles - desses camponeses e trabalhadores rústicos - mais do que através dos eruditos ou dos homens de educação muito fina. é que os valores míticos ou populares dos

índios e dos negros foram assimilados pelos portugueses da América, e tornaram-se, afinal, fonte para uma nova cultura: a cultura brasileira de origem principalmente lusitana. com fortes elementos ameríndios e africanos.. 12

Essa rusticidade é um elemento a ser preservado, negando-se a validade universal de algumas das exigências da sociedade burguesa.

"Certos autores, dos que se ocupam superficialmente dos problemas de cultura, mostram especial tendência para exagerar a importância da alfabetização, como sinal de superioridade absoluta dos povos considerados civilizados sobre os rústicos. Na verdade, ler e escrever são meios de comunicação muito úteis para as civilizações industriais e para formas políticas de organização democrática. (...) Em países como a China, Índia, México e o Brasil, as massas não têm hoje, provavelmente, a mesma necessidade de saber ler e escrever como meio de se modernizarem que tiveram as massas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos durante o século XIX e mesmo as da Rússia soviética no começo deste século.. 13

É importante perceber que à argumentação da pouca importância da alfabetização se associam pelo menos duas idéias: a de não necessidade de democracia política, facilmente substituída pela democracia social, produto do sábio encontro racial e cultural; a da dúvida sobre as vantagens da modernização, destruidora de formas culturais muito ricas. Os resultados dessas colocações serão: se não de desqualificação das bases necessárias à democracia, pelo menos, a formulação de outra saída política considerada perfeitamente legítima, prescindindo da participação popular direta na política; a de não aceitação da modernidade como um processo global, envolvendo as esferas econômica, política, social e cultural. Assim, citando Aubrey Bell diz: "pode-se dizer sem exagero que o povo português, com toda a sua colossal ignorância e ausência de **instrução**, é um

dos mais civilizados e inteligentes da Europa,¹⁴

É nitidamente uma formulação sobre a questão do atraso, que aparece de forma ambígua na reflexão freyreana, tema do qual não nos ocuparemos neste texto. Porém parece claro não ser apenas um encaminhamento anti-liberal, mas a proposição de soluções claramente conservadoras. De todo modo assinalamos que o conjunto das reflexões do autor levam à formulação de uma tese sobre o caráter nacional: somos, pelas características herdadas, um povo voltado à ação e não à especulação. Encontramos na prática soluções diferentes daquelas propostas como universais e aplicáveis às sociedades em geral, e que resolvem muito melhor os problemas criados pela nossa diversidade. Em outras palavras, a racionalidade burguesa nada tem a ver conosco.

Em substituição a esse traço, ausente de nossa cultura, para a percepção da realidade dispomos de um outro instrumento: o sensualismo. É ele que permite que o impressionismo supere o racionalismo, nem sempre, segundo Freyre, a melhor forma de perceber o real. É nisso que se funda sua proposta metodológica.

c - O Cotidiano Como Base Analítica

Gilberto Freyre procura demonstrar, ao analisar a sociedade brasileira, que o conflito não é uma anomalia, pois a violência é interna à sociedade, cotidianamente reiterada no seio da família e da comunidade. Mas alguns desses conflitos, em certos momentos, eclodem na sociedade e emergem, muitas vezes, por via de movimentos sociais. A forma de analisá-los, uma vez que são extensão daqueles elementos estruturais, é refletir sobre os mesmos em termos de processos sociais¹⁵. Parte da idéia que sempre os processos sociais

são de *interação* ao mesmo tempo social e psíquica. Rejeita a colocação de que a *competição* resume a todos e que a acomodação, assimilação, imitação, diferenciação estão necessariamente referidas a ela. Afirma que, embora exista uma universalidade nos processos sociais, as sociedades são caracterizadas pela forma pela qual uns assumem preponderância sobre outros. Indo além, mostra que é equívoco considerar como dois processos diferenciados *competição* e *conflito*. Tal segmentação só se opera quando o analista também separa a *ordem social* - à qual pertenceria a primeira - da *ordem política* - com a qual se identificaria o segundo. Mais ainda, quando examina a competição como componente da esfera do *inconsciente* e o conflito dando-se na esfera do *consciente*.

Aponta a raiz do erro no fato de sociólogos considerarem *cooperação*, *competição*, *assimilação*, *acomodação*, *imitação*, *diferenciação*, *dominação*, *exploração*, *subordinação* como mecanismos especiais separados do processo básico - o *contato* - e do geral - a *interação*.

Para Gilberto, o centro da reflexão sociológica deve ser o estudo do contato e da interação, e isso torna-se possível apenas a partir da análise das relações *face a face*. Estas só aparecem nas "pequenas expressões de vivência e convivência cotidiana: aquelas que só **se** surpreendem, considerando-se no passado de um grupo humano (...) o cotidiano doméstico, a higiene caseira, a culinária",¹⁶.

Partindo da idéia de que a interação é um processo simultaneamente social e psíquico, mostra que a sociologia não pode operar com categorias explicativas universais. Ao contrário, deve se apossar das construções do senso comum, formas pelas quais os membros de um grupo interpretam e vivenciam o mundo e as relações sociais como a

realidade de suas vidas diárias. Por isso os instrumentos da sociologia devem ser aqueles elaborados sobre as construções dos atores sociais para *interpretar seu mundo*. Assim, o traço básico da sociologia é ser *compreensiva*. Sua matéria básica a compreensão dos significados e motivações dos atores sociais. Configura-se o método: a *empatia*. É o que lhe permite participar de vidas simbólicas onde se encarnam de modo mais típico as idealizações de uma época ou de uma cultura: o *mito*. Trabalhar com o mito significa, para Gilberto, ultrapassar o nível apenas racional e objetivo e alcançar as dimensões subjetivas da análise. Também permite o exagero de certos traços que possibilitem a criação de tipos, abrindo espaço a que se superponham, no mito, tipos aparentemente inconciliáveis: casa-grande/senzala, sobrados/mucambos, ordem/progresso. Desse modo processa a transfiguração do mito em símbolo: a casa-grande representaria a dominação; a senzala, a submissão. Porém, o que quer demonstrar é que o tipo criado ao nível do pensamento assume traços específicos em sua concreção: o & que liga Casa-Grande & Senzala significa interpenetração de tipos. E a interpenetração entre dominação/subordinação concorre para o equilíbrio e estabilidade da sociedade brasileira.

Deve-se observar que os tipos balizam sua reflexão, mas somente naquele ponto em que o tipo é questionado toma-se objeto de sua análise. Por exemplo, interessa-lhe muito mais analisar as formas pelas quais o escravo negro contribui para a construção da sociedade brasileira trazendo para seu seio elementos culturais tão fortes que apagam os traços europeus - contrariando, assim, o princípio que rege a escravidão - do que fixar o modo pelo qual expressa-se sua subordinação - o trabalho do eito. Em outros termos,

apontar o negro escravo como civilizador significa mostrar o ponto em que o tipo é negado; mais ainda, a intenção é demonstrar que não existem princípios explicativos universais que se aplicam a todas as sociedades. Para apanhar o ponto de interseção entre os tipos propõe-se a estudar o cotidiano. A partir das pequenas expressões da vida cotidiana busca perceber a historicidade do social.

É certo que a argumentação de Gilberto assenta-se numa específica visão sobre o conflito. Seu trabalho aponta para a não existência de uma *luta definitiva* no sentido de eliminar-se o conflito. Procura mostrar que o processo se repete continuamente fimdado no segredo da articulação competição/cooperação. Afirma que "a própria exploração requer a exploração tácita da vítima cuja dependência é necessária à continuação de tal relação"¹⁷.

Trata-se de uma posição marcada-mente anti-liberal, o que explica o modo pelo qual Gilberto define os atores que lhe servirão de base para "captar os meandros das relações sociais. Na reflexão sobre a transição ao moderno destaca-se uma questão fundamental: o que ocorreu com as relações sociais e com as formas de vida suprimidas nessa transição? Desapareceram no passado ou de certo modo foram conservados? Na segunda alternativa como se transmitem? Privilegiando na análise a família patriarcal mostra que tais elementos são conservados pelas camadas que permanecem fora do processo de racionalização moderno, ou que tiveram papel passivo no mesmo. Desse modo os atores serão: o escravo doméstico e não o trabalhador da lavoura; a mulher, escrava ou sinhá; o menino, sinhozinho ou muleque; o padremestre, professor ou reprodutor; o agregado, afilhado ou feitor; todos na mesma situação, circulando no espaço da *casa* e não da *rua*.

Os elementos do passado permanecem no presente mantidos na esfera do privado, mas transbordando para a esfera do público; recusados pela "visão oficial", mas sempre presentes em cada ator social. Assim a *casa* torna-se o *locus* privilegiado da análise por ser o último reduto dos modos tradicionais de vida, formas que oficialmente foram banidas por não adequar-se à racionalidade do sistema.

Creio ser nessa direção que devemos entender o tradicionalismo gilbertiano. Quer demonstrar a incongruência do processo: os elementos sociais aparentemente prisioneiros na esfera do privado constituem-se naquilo que a *sociedade é*; aqueles definidos como públicos e universais são aquilo que *intelectuais e políticos pensam que a sociedade seja*. Em outros termos quer mostrar o descompasso entre a *sociedade real* e a *sociedade pensada*.

Considerada esta dimensão, mais uma vez Gilberto Freyre conferiu nova direção às reflexões sociológicas desenvolvidas a partir da década de 30.

NOTAS

- ¹ O texto desenvolve idéias já anteriormente apresentadas em Elide Rugai Bastos. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUCSP, 1986.
- ² *Formação da Literatura Brasileira*. 6ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, pp.23-39.
- ³ Antonio Candido. "A Revolução de 1930 e a cultura", in *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987, pp.181-98.

- ⁴ Vários autores apontam para a centralidade no pensamento dos autores de 20 sobre a questão da organicidade do Estado. Assim: Bolivar Lamounier. "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação", in Boris Fausto (org.), *O Brasil Republicano - 2*, Rio de Janeiro, Difel, 1977, pp. 343-74. Lúcia Lippi Oliveira (coord.), *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 30*, Rio de Janeiro:Brasília/FGV: INL, 1980.
- ⁵ Já se levantou controvérsia a respeito da veracidade desta relação disciplinar. Embora creia que realmente a relação professor/aluno tenha se efetivado entre Boas e Gilberto, a questão não é importante para a argumentação que desenvolvo. O que importa é o fato de as idéias de Boas fazerem parte do clima de reflexão daquela Universidade, o que se tomou fundamental para o pensamento gilbertiano.
- ⁶ José Lins do Rêgo refere-se a isso no prefácio de Gilberto Freyre. *Região e tradição*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941.
- ⁷ Gilberto Freyre. *Casa-Grande & Senzala*. 2ª ed.. Rio de Janeiro, Schmidt, 1936, p.2.
- ⁸ Gilberto Freyre. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1947, pp.41-42.
- ⁹ Idem, pp.189-90.
- ¹⁰ Idem, pp.43-4.
- ¹¹ Idem, pp.184-5.
- ¹² Idem, p.72.
- ¹³ Idem, pp.72-3.
- ¹⁴ Idem, p.72.
- ¹⁵ Gilberto Freyre. *Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios*. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1957, pp.358-71.
- ¹⁶ Gilberto Freyre. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, Ed. da UnB, 1968, p. 71.
- ¹⁷ Gilberto Freyre. *Sociologia...*, op. cit., 2º vol., p.362.